

## A RETOMADA DAS VOZES DA NATUREZA E O VOZEIRO DIGITAL

NATHAN D'AVILA SILVA; FLÁVIA CARVALHO CHAGAS<sup>2</sup>;

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [nathandsjanai@gmail.com](mailto:nathandsjanai@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [flaviafilosofiaufpel@gmail.com](mailto:flaviafilosofiaufpel@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

A temática dos problemas ambientais já há algumas décadas é motivo de preocupação para governos, empresas, instituições e, localizando na realidade brasileira, dos indígenas. Contudo, é ingênuo enxergar a crise ambiental datando-a no século XX, com as conferências da Organização das Nações Unidas (ONU) que a levaram ao palco internacional. Há também a necessidade de, com inspiração no feminismo negro, interseccionar a temática, que não ocorreu e não ocorre isoladamente. Colocar os problemas ambientais como alheios às questões de gênero e raça equivale a igualar o impacto ambiental dos países mais e menos industrializados.

A atitude crítica filosófica descortina os benefícios imediatos da tecnologia e demonstra seus interesses que, longe de terem nascido na contemporaneidade, são herdadas desde, no mínimo, a era das colonizações. É através do processo colonizatório e da nova ideia de ciência da modernidade que se constitui as chaves para a intersecção, no tema do meio ambiente, da raça e do gênero.

O texto que dá o primeiro impulso deste trabalho é *Descolonizar o Norte*, de Vandana Shiva, que consta na obra *Ecofeminismos*, de sua autoria juntamente com María Mies. Dele, interessa-nos especialmente as nuances entre a dominação da natureza, da mulher e a colonização, de onde consegue-se remontar os problemas de gênero, raça e meio ambiente até a idade moderna. Os artigos de Pimenta, Marras e Oliveira fazem parte do livro *Vozes Vegetais*, e fundamentam a ideia de “voz” que será utilizada aqui. Somando-se à Marras, que tece comentários sobre o reacionarismo, as obras *Sociedade da Transparência* e *No enxame*, do filósofo sul-coreano Han, permitirá traçar os movimentos do “vozeiro digital” nas redes, apoiando-se nas análises feitas por ele sobre as relações sociais, pessoais e econômicas na era digital.

A noção de “desenvolvimento sustentável” origina debates devido a sua origem conturbada nas comissões da ONU. O presente trabalho pretende corroborar as teses de Shiva e Layaargues de que este termo é carregado de, em primeiro lugar, imperativos econômicos e, em seguida, de um apagamento da responsabilidade histórica de alguns países.

Portanto, torna-se inadequado tratar dos assuntos ambientais sem remontar à era da industrialização e ao assalto aos recursos dos territórios colonizados. Há uma “voz” da natureza erguendo-se (mas não em sentido antropomórfico), que se faz ouvir e põe em alerta o globo para as consequências de médio-longo prazo que poderão surgir.

### 2. METODOLOGIA

O trabalho é desenvolvido através da revisão bibliográfica e da análise crítica do referencial teórico. As obras de Shiva e os trabalhos que compõem o

livro *Vozes Vegetais* dão o arcabouço para uma crítica às ideias de desenvolvimento sustentável e de equidade da responsabilidade sobre as questões ambientais. Han, com sua análise da sociedade digital do séc. XXI, embora não trate do tema do meio ambiente, oferece instrumentos para identificar o potencial da internet em enganar e desinformar sobre os fatos ambientais que ocorrem em médio-longo prazo.

A importância da parte crítica do levantamento e da análise tem o sentido de não importar teorias estrangeiras para a realidade brasileira sem que seja realizada uma filtragem e uma adaptação, reconhecendo as diferenças históricas, sociais, econômicas e culturais. Especialmente com a utilização de autores que fogem do núcleo Estados Unidos-Europa: Han é sul-coreano, Shiva é indiana e os demais são brasileiros.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A retomada da voz da natureza, longe de se referir a uma imagem antropomórfica como vista comumente em desenhos animados ou quadrinhos, diz respeito à possibilidade de sua história ser percebida e suas crises serem notadas. Segundo Pimenta (2020), nos séculos XVII e XVIII, a oralidade governava a expressão linguística. O que não tinha voz, e também aquilo que é inanimado, não era digno de ser dito. Esta é a razão da inferioridade dos animais com relação à humanidade, que apesar de terem uma voz, não a articulam para a comunicação. Também segundo Pimenta (2020), outra característica desta visão do que merecia ou não ser falado reflete nas plantas, relegadas a um reino secundário onde sua fisiologia é resumida a uma versão empobrecida da fisiologia animal (a seiva como uma versão pobre do sangue, a reprodução inferior à cópula, etc.) A mudança ocorrera com a descoberta de fósseis de animais extintos que amplificaram a voz da natureza. Aos seres que não mais existiam, restava a análise de seus restos inanimados. Apesar da inação e da ausência de uma voz, os “fragmentos de ossos que não pertencem a animais existentes na atualidade são signos de estruturas anatômico-fisiológicas e de seu comportamento – que não podemos observar.” (PIMENTA, p. 25, 2020) Dá-se o benefício da escuta à natureza, sendo sua inação possibilitadora de “uma missão da razão, e não da imaginação.” (PIMENTA, p. 26, 2020)

Apesar disso, ainda havia uma visão utilitarista sobre a natureza, enquanto era ouvida apenas enquanto somasse conhecimento à humanidade e às ciências. Apenas no século XX o tema das crises ambientais é colocado como globalmente relevante, embora sobre sustentações frágeis e quiçá injustas, como a colocação do Relatório de Brundtand, de que “não é que de um lado existam vilões e de outro vítimas. Todos estariam em melhor condição se cada um considerasse os efeitos de seus atos sobre os demais” (ONU, p. 50, 1991), pondo todo o processo colonizatório e as industrializações dos países do norte como responsáveis na mesma medida que os países do sul global, cujas riquezas foram expropriadas e o avanço da globalização exigiram industrializações rápidas e “atropeladas”. “Generalizando os fatos, omite o contexto histórico e cria o ‘homem abstrato’.” (LAYRARGUES, p. 8, 1997)

Isto posto, o presente trabalho tem como proposta interseccionar à questão ambiental as questões de raça e de gênero, cujas semelhanças residem no silenciamento e na retomada gradativa da voz, coletiva e individual. A relação é feita de maneira horizontal, não-hierarquizada, onde os três temas se entrelaçam e se influenciam mutuamente.

Em primeiro lugar, cabe ressaltar que o meio ambiente, aqui, é tratado como minoria política e, portanto, trata-se de uma questão “*socioambiental*”, enquanto visão de que o próprio mundo passa a ser tomado como politicamente minoritário e alvo do anticientificismo e da antipolítica”. (MARRAS, p. 40-41, 2020) O reacionarismo que se segue à voz da natureza assemelha-se à *reação* contra as vozes das mulheres e das pessoas negras, deslegitimando-as e empurrando-as de volta ao silenciamento.

É no ambiente virtual que a voz da reação torna-se mais estridente. A “proximidade do digital” permite que o ser humano acesse apenas “aqueles setores do mundo que lhe agradam”, “privatizando o mundo” (HAN, p. 81, 2017) Os boatos e as conspirações tornam-se mais velozes na medida em que todos nos tornamos consumidores e, ao mesmo tempo, produtores de informação. Na rede digital, a informação circula e se prolifera mais rapidamente do que a ciência, que necessita de *tempo*, pode acompanhar. É através deste mundo paralelo e virtual que a branquitude amplifica sua voz para a manutenção dos problemas por ela própria causada.

#### 4. CONCLUSÕES

Conclui-se com este trabalho que as relações de raça e gênero implicam, e a elas são implicadas, efeitos na e pela questão ambiental. Colonização, pobreza, superpopulação e a própria visão da ciência como a “mente agressiva” que deve “conquistar” a “Mãe Natureza”, proposta por Bacon (SHIVA, p. 348, 1993), evidenciam as inter-relações e permitem uma visão mais abrangente das três problemáticas, na medida em que são postas sobre um olhar holístico.

Também soluções podem surgir a partir de uma crítica cuidadosa, mas incisiva, sobre a criação da ideia de sustentabilidade enquanto *desenvolvimento* sustentável e o papel do capital e do desenvolvimento econômico no auxílio ou no retardo das soluções ambientais, uma vez que o termo proposto pela ONU salva o capital, mantendo, coerentemente no português, o desenvolvimento a frente do sustentável.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FREITAS, Andrea Cunha. Vandana Shiva: “Temos de destruir o mito de que a tecnologia é uma religião que não pode ser questionada”. **Público**, 13/11/2019. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78%20noticias/594334%20vandana%20shiva%20temos%20de%20destruir%20o%20mito%20de%20que%20a%20tecnologia%20e%20uma%20religiao%20que%20nao%20pode%20ser%20questionada> Acesso em: 02/06/2021
- HAN, B.C. **No Enxame**: Perspectivas do digital. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2018
- HAN, B.C. **Sociedade da Transparência**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017
- LAYARARGUES, Philippe Pomier. Do Ecodesenvolvimento ao Desenvolvimento Sustentável: Evolução de um conceito? **Revista Proposta**, Rio de Janeiro, n. 71, p. 5 – 10, Fevereiro, 1997.
- MARRAS, Stelio. O Vozeiro da pós-verdade e suas ameaças civilizacionais. *In*: OLIVEIRA, Joana Cabral de, *et al.* (org.) **Vozes Vegetais**: Diversidade, Resistências e Histórias da Floresta. São Paulo: Ubu Editora, 2020. p. 37 – 56.

OLIVEIRA Joana Cabral de. Agricultura contra o Estado. *In*: OLIVEIRA, Joana Cabral de, *et al.* (org.) **Vozes Vegetais**: Diversidade, Resistências e Histórias da Floresta. São Paulo: Ubu Editora, 2020. p. 77 – 96.

ONU. **Nosso Futuro Comum**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1991.

PIMENTA, Pedro Paulo. A Voz e o silêncio. *In*: OLIVEIRA, Joana Cabral de, *et al.* (org.) **Vozes Vegetais**: Diversidade, Resistências e Histórias da Floresta. São Paulo: Ubu Editora, 2020. p. 23 – 36.

SHIVA, Vandana. Descolonizar o Norte, *In*: \_\_\_\_\_, MIES, María: **Ecofeminismo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1993. p. 345 – 360.